

EROS E MISTICISMO NO *TRÍPTICO CELESTE*, DE ALMEIDA PRADO

Patrícia Guimarães
pagom@estado.com.br
Orientadora: Salomea Gandelman

RESUMO

O trabalho versa sobre o *Tríptico celeste*, ciclo de canções para soprano e piano, de Almeida Prado, do qual fazem parte “O chamado da estrela Alfa de Centauro”, “Lua impossível” e “Bendito o sol!”. São investigados os textos das canções, nos quais o desejo erótico aparece como tema central. O erotismo ganha um sentido particular na obra do compositor em razão de sua vivência mística e religiosa. O referencial teórico para a análise das canções foi extraído do *Cântico dos Cânticos* e de obras de Santa Teresa D’Ávila e São João da Cruz, comparando algumas das idéias contidas nesses textos com as apresentadas pelo filósofo francês George Bataille.

Palavras-chave: Almeida Prado, *Tríptico celeste*, Eros e mística, análise textual e musical.

ABSTRACT

This paper puts forward an interpretation and poetic-musical analysis of the *Tríptico celeste* (*Heavenly Triptych*) for soprano and piano by Almeida Prado, from the angle of eroticism as seen by the composer and by the mystic Carmelites Saint Theresa D’Avila and Saint John of the Cross and the philosopher George Bataille.

Keywords: Almeida Prado, *Tríptico celeste* (*Heavenly Triptych*) for soprano and piano, Eros-Mystical, textual and musical analysis.

Este trabalho versa sobre o *Tríptico celeste*, um ciclo de três canções para soprano e piano – “O chamado da estrela Alfa de Centauro”, “Lua impossível” e “Bendito o sol!” – composto em 1983, época em que Almeida Prado estava passando do transtornalismo acentuado para um transtornalismo mais flexível. Para falar dessa obra, num primeiro momento vamos observar a letra das canções. Em nossa pesquisa, estudamos a relação entre poesia e música. Aqui, apenas apontamos algumas questões que investigamos sobre o texto, indicado a seguir.

“O chamado da estrela Alfa de Centauro” – em *vocalise*.

“Lua impossível”

Oh, Lua... quisera te esperar, te amar todas as noites.

Louca, nua, insana Lua,

Marés do desejo, teu beijo anestesia.

Impossível conúbio.

Oh, Lua, rosa negra, escura face, não te vejo.

Amada lua, lírio do pântano, minguante amargura.

Quero te sentir.

Oh, Lua, libélula de prata, crescente desejo, quero te possuir.

Lua louca, nua, orquídea mortífera, cheia, plena Lua.

Vem docemente sobre o meu corpo, pouza teu raio

E faz-me esquecer que fui tua.

“Bendito o sol!”

Bendito o sol, bendito aquele astro

Que ilumina, que resplandece, que faz arder os olhos,

Que faz o arco-íris tecer sua grinalda.

Bendita Estrela Maior! Rei absoluto de um pequeno espaço no universo.

Tu, que iluminas o bolor da morte, o frio foge a tua chegada.

Vem, ó bendito fogo celeste, derrama sobre nós tua coragem, teu amor.
Ver o contorno das flores, as transparências, asas, pistilos, corolas,
Dançam os ramos das árvores, cantam, gozam...
Bendito sol, amado da minha pele, queima-me, penetra-me,
Possua-me com tua voracidade, transforma-me em luz!
Bendito sol!

Ao refletir sobre o conteúdo do texto das canções, observamos que a poesia tem como tema central o desejo erótico. Neste contexto, as palavras que mais chamaram a atenção aparecem distribuídas entre verbos, substantivos e adjetivos: amar, possuir, gozar (gozam), penetrar, desejo, beijo, corpo, grinalda, contorno, transparências, pele e nua.

O erotismo ganha um sentido particular nessa obra de Almeida Prado, considerando sua vivência mística e religiosa, que se reflete em suas variadas composições. O significado de Eros para o compositor e a importância de sua experiência com o sagrado levaram-nos a deduzir, a relacionar a inclinação religiosa do compositor com o texto poético do *Tríptico*.

Investigando essa relação à luz de algumas obras místicas, chegamos a estudos teológicos sobre o texto bíblico *Cântico dos Cânticos*, sobre Santa Teresa D'Ávila ¹ e sobre São João da Cruz.² Interessa-nos investigar, com base nas obras citadas, como o compositor utiliza as palavras que remetem ao erotismo.

No *Tríptico celeste*, encontramos três personagens (a estrela – a que aponta, indica; a lua – morta, fria; o sol – quente, apaixonado) envolvidos em relações de amor, manifestando, pois, paixões humanas. Palavras como “ígneo”, “quente”, “ondulante”, “sensual”, “transparente”, “excitante”, indicadas na partitura, guiam nosso pensamento para um tipo de expressividade que comunica o clima erótico do *Tríptico*: um brinde ao amor que, sem reservas, deseja entregar-se profundamente.

É esse amor apaixonado que nos remete ao livro canônico *Cântico dos Cânticos*, da Bíblia Sagrada, onde se pode ler: “o amor é forte como a morte (...); as suas brasas são brasas de fogo e veementes labaredas.” Outras leituras sobre a experiência mística também foram investigadas, como os mestres Santa Teresa D'Ávila e São João da Cruz. Reconhecidos e consagrados pensadores do misticismo cristão, ambos descrevem a

¹ Santa Teresa. *Las moradas*. Madri: Espasa-calpe, 1951.

² Ruiz, Federico. *Místico e Mestre São João da Cruz*. Tradução Frei Patrício Sciadini. Petrópolis: Vozes, 1994.

síntese dos questionamentos humanos e da revelação divina: na busca pela intimidade com Deus, o *Eros* acaba por se manifestar por meio do êxtase espiritual. Apesar de não terem vivido a experiência sexual humana, tanto Madre Teresa quanto Frei João da Cruz declaram ter sentido o intenso amor de Deus em seus corpos terrenos.

Embora a linguagem desses “contemplativos” convide-nos a misturar a experiência do amor divino com a sexualidade, estudos carmelitas contemporâneos lançam luz sobre essa questão. Entre os mais interessantes estão os do padre Louis Beinaert,³ que afirma não ser a experiência mística que evocaria o ato sexual, mas justamente o contrário: a união sexual é que teria a capacidade de simbolizar uma união superior.

Entretanto, surpreendentes contrastes com a mística de Teresa e João da Cruz são encontrados no livro *O erotismo*, de George Bataille. Para ele, o amor é uma entrega total e absoluta do ser na violação do objeto de desejo, na “profanação do sagrado”, em que a nudez corporal está intimamente ligada ao erotismo. É o aniquilamento de um ser em função do outro. Não há transcendência: a experiência mística não leva a Deus, mas ao profundo encontro de si mesmo.

Os estudos de Bataille não se contrapõem ao pensamento dos místicos carmelitas, mas divergem quanto ao fim a que se destinam. Nos místicos, a vida humana aniquila-se para encontrar o “Desejado de sua alma” (Jesus). É o morrer que conduz à “vida”. Em Bataille, a vida humana aniquila-se ao encontrar o objeto amado. É o viver que conduz à morte.

No *Tríptico celeste*, é intensa a manifestação de Eros. Como os poemas desse ciclo são de autoria do próprio compositor, devemos levar em consideração as experiências místicas vividas por ele. Uma delas acontece em 1965, quando Almeida Prado “descobre” Deus, a partir de uma visão que teve em uma de suas viagens pelas estradas de São Paulo, o que o levou a mudar toda a sua postura em relação à vida. Na ocasião, ele manifesta o desejo de se dedicar ao sacerdócio, mas é desaconselhado a seguir tal projeto.⁴

Outra experiência mística é narrada pelo compositor em entrevista concedida a Elizabete Silva, por ocasião de sua visita à cidade de Medjugorje.⁵ Ele declara ter ouvido, no alto da montanha, um tema que o inspirou a compor *Le Rosaire de Medjugorje – icône sonore pour piano*, que na obra seria o tema de Maria.

³ Strausz, Rosa Amanda. *Teresa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005, p.136.

⁴ Costa, Regis Gomide. *Os momentos de Almeida Prado: laboratório de experimentos composicionais*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 1998.

⁵ Silva, Elizabete Aparecida da. *A temática religiosa em Le Rosaire de Medjugorje – icône sonore pour piano, de Almeida Prado*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, Escola de Música, out. 1994.

Quando Almeida Prado afirma encontrar Deus em qualquer manifestação humana, deixa margem para interpretarmos o *Eros* no *Tríptico* não somente como expressão viva de amor entre o homem e a mulher, mas também como o reflexo do amor de Deus pelo ser humano. É ele mesmo quem afirma:

Minha música traduz inevitavelmente a minha personalidade e a religião faz parte dela. No momento, procuro a religiosidade não só nos temas sacros, mas em todas as manifestações humanas. Ao compor, quero transmitir o que há de mágico e sagrado nas coisas que nos cercam e no que sentimos. Quero descrever o medo, a alegria, o êxtase, o pânico, o silêncio. Quero dar à religião um sentido de vida universal e atual.⁶

Traçando uma breve análise do texto do *Tríptico celeste*, observamos que, na primeira canção, o compositor apresenta o chamado de uma estrela, e logo algumas perguntas vão surgindo: por que começar por um convite sem texto, sem palavras, que auxiliariam nosso processo de comunicação? Qual a razão de manifestar sentimentos sem, contudo, expressá-los?

Almeida Prado afirma que esse canto é um “estudo de possibilidades da voz, representando, além disso, um amor que se propõe a uma busca intimista e espiritual, que rompe as fronteiras da palavra”, utilizando o vocalise quase como uma “interjeição” (*Ah!*) ou “exclamação” (*!*), formas de entonação quando se quer chamar alguém.⁷

Lançando mão desse “estudo de possibilidades da voz somado à busca intimista do amor espiritual”, afirmativa do próprio compositor, e percorrendo o caminho do simbolismo (com suas alegorias e metáforas), tentamos chegar a um todo interpretativo do *Tríptico celeste*.

Destacamos o significado da estrela para várias culturas: qualidade de iluminar, é símbolo do espírito, porta do céu, eixo do Universo, símbolo de criação, intercomunicação de mundos diferentes, como alma e matéria, sentimentos e desejos. A personagem da canção “O chamado da estrela Alfa de Centauro” aponta, então, o caminho a ser percorrido, como um luzeiro, um farol.

⁶ Hassan, Mônica. *A relação texto-música nas canções religiosas de Almeida Prado*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, 1996.

⁷ Todas as citações do compositor Almeida Prado constam no questionário que lhe foi feito ou são comunicações pessoais e estão publicadas na dissertação *O erotismo no Tríptico celeste de Almeida Prado*, da autora.

Em “Lua impossível”, Almeida Prado utiliza letra maiúscula para se referir à Lua. É entre rimas internas e contrastes que ela é desenhada como uma personagem fria, simples receptora da fala de quem deseja seu amor. Pelo uso do pronome possessivo feminino, podemos concluir que a personagem que narra e vive o amor expresso no *Tríptico celeste*, que revela o desejo de amar a “Lua”, é uma figura feminina. Percebe-se a sugestão de uma expressão homossexual de sentimentos. O erotismo aparece nas palavras “nua”, “desejo” e “conúbio” e nos contrastes resultantes de “teu beijo anestesia” e “impossível conúbio”, por exemplo.

A busca pelo amor é contínua e aparece em palavras descritivas das mudanças de fase da Lua. No campo da significação, ela representa os ritmos biológicos com suas fases sucessivas e regulares; é o primeiro morto (em cada mês lunar, durante três noites ela está como morta; depois reaparece e cresce em brilho). É também fria e distante. Na canção de Almeida Prado, ela é indiferente ao chamado da amante ao amor (um breve olhar sobre a escrita musical mostra a voz construída com linhas sinuosas e muito cromatismo, enquanto o piano permanece estático em acordes batidos e constantes, com poucas mudanças).

Contudo, mesmo diante da frustração de um amor que não se concretiza, a ansiedade e o desejo da amante vão desaparecendo: quando a figura da amada – a Lua – sumir no horizonte, anuncia-se uma nova aurora. A amante esquecerá seu amor inseguro, quando vir os primeiros raios de sol anunciarem um novo dia e, com ele, a esperança de um amor possível em “Bendito o sol!”.

Nessa terceira e última canção, podemos observar que as indicações colocadas no início da peça sugerem a criação de imagens amorosas. O sol aparece exaltado, pois é fonte de luz, de calor e de vida; não reflete a luz de nenhum outro ser. É sustentado por sua própria força.

Quando a narradora cita as palavras “contorno” e “transparências”, parece sugerir a imagem de seu próprio corpo em finas vestes. Os pistilos e corolas são aparelhos reprodutores das plantas, o que nos leva a interpretar o poema como uma descrição da relação humana, sensação confirmada com os verbos “dançam” e “gozam”, atitudes que sugerem o ato sexual.

Os últimos versos descrevem a intimidade entre duas pessoas. As palavras “pele”, “penetra-me” e “possua-me” são comuns nas relações humanas. Um verso aponta-nos o livro sagrado, o *Cântico dos Cânticos*, que diz: “amado de minha alma”; em “Bendito o sol!”, aparece “amado de minha pele”.

No texto de Almeida Prado, não é revelada uma resposta ao convite para o amor. Somente através da rítmica e da sonoridade da canção podemos sentir a sugestiva alegria na realização desse momento. Piano e voz falam a mesma linguagem. Ambos “brilham” em extensão e linhas melódicas ascendentes que ajudam a criar imagens ígneas, quentes, fulgurantes.

A tentativa da editora do compositor, Tonos Verlag, de publicar o *Tríptico celeste* foi infrutífera. Almeida Prado afirmou posteriormente que a música teria seu sentido invertido porque, em alemão, o sol é feminino e a lua, masculina. Como a canção foi composta para soprano, vemos nesse argumento a confirmação de que a cantora veste-se do “eu poético”, usando a máscara da narradora da história que procura e chama, através do canto, por seu verdadeiro amor.